

OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU
Nº636
De 08 a 22 de
junho de 2022
Ano 23



R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



BRASIL, UM PAÍS DESIGUAL E VIOLENTO

PÁGINAS 8 E 9



ENCARTE

**MANIFESTO
DO REBELDIA**

PERNAMBUCO
TRAGÉDIAS DAS CHUVAS
ESCANCARAM DESIGUALDADE
E SEGREGAÇÃO
PÁGINA 6

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO JR.
‘PSOL PERDEU A
CAPACIDADE DE INTERVIR
COM INDEPENDÊNCIA
DE CLASSE’
PÁGINA 5



páginadois

CHARGE



“ Eu fui do tempo em que decisão do Supremo não se discute, se cumpre. Eu fui desse tempo. Não sou mais ”



BOLSONARO, afirmando que não vai cumprir determinações contra o Marco Temporal (sobre terras indígenas), em caso de decisão do STF.

PRÓXIMO LANÇAMENTO



EDITORASUNDERMANN

www.editorasundermann.com.br



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

TRUCULÊNCIA

Refinaria ameaçada de privatização é ocupada pelo exército

Quando fechávamos essa edição fomos informados que um grupamento do exército brasileiro está dentro da Refinaria Gabriel Passos, em Betim (MG). A refinaria está sendo negociada pelo governo Bolsonaro para a empresa Raizen, dos grupos Cosan e Shell. Isso é mais um passo no processo de entrega das riquezas nacionais ao imperialismo e seus sócios minoritários nacionais. As consequências já são previsíveis: o aumento nos preços dos combustíveis e consequente repasse ao custo de outros produtos.



Ou seja, estaremos diante de mais agravamento da inflação com aumento nos preços dos alimentos. Com essa atitude Bolsonaro quer amedrontar

os petroleiros que luta contra a privatização. Essa é uma luta de toda a classe trabalhadora. Somos todos petroleiros e petroleiras!

CACHÊS MILIONÁRIOS

Dinheiro público banca shows de sertanejos pelo país

O cantor Zé Neto, da dupla com Cristiano, mal podia imaginar que, ao criticar uma tatuagem íntima de Anitta há algumas semanas, terminaria por levar ao escrutínio público os milhões de reais pagos por prefeituras Brasil afora pelas apresentações de cantores sertanejos. Esse dinheiro é da educação, da saúde, de obras em infraestrutura e até de combates a enchentes. Nunca ficou tão evidente como é o pagador de impostos que banca os cachês milionários de Gusttavo Lima, por exemplo, artista bolsonarista que lota shows em feiras do agronegócio em



cidades do interior defendendo Deus, pátria, família e liberdade entre uma música e outra. Essa discussão detonou uma crise sem precedentes para os sertanejos, que levou a uma campanha nas redes sociais defendendo uma “CPI do sertanejo”, além de colocar o Ministé-

rio Público na cola de prefeituras em Minas Gerais, Roraima, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Bahia. Anitta, que originou a polêmica de forma involuntária, ficou dias em silêncio, até se manifestar com um único tuíte. “E eu achando que estava só fazendo uma tatuagem no tororó.”

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Conexão barbárie

Enquanto fechávamos esta edição, continuavam desaparecidos o indigenista da Fundação Nacional do Índio (Funai) Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips. Eles sumiram na região amazônica e tudo leva a crer se tratar de um crime cometido por traficantes, em conluio com pescadores e madeireiros ilegais que vivem em conflito com indígenas da região. Bolsonaro, que trava uma guerra contra as comunidades indígenas em favor das mineradoras, madeireiras e do agronegócio, se limitou a culpar as vítimas, afirmando que estavam numa “aventura não recomendada”.

Já há duas semanas, as imagens da tortura e execução de Genivaldo de Jesus, asfixiado numa câmara de gás improvisada na viatura da Polícia Rodoviária Federal em Sergipe, causaram revolta e indignação. São cenas que evocam às câmaras de gás do nazismo e que mostram a realidade da violência policial contra a população negra e pobre. Passados 15 dias desse crime bárbaro cometido à luz do dia, e diante de inúmeras testemunhas, ninguém foi preso.

A execução ocorreu poucos dias após mais uma chacina perpetrada pela polícia no Rio de Janeiro, desta vez na Vila Cruzeiro, que terminou em pelo menos 28 mortos. A operação teve a participação do Bope da PM, da Polícia Rodoviária Federal e da Polícia Civil. As versões e justificativas para o envolvimento da PRF na ação mudaram no decorrer dos dias, mostrando que a real intenção era promover um espetáculo midiático e eleitoral à custa de corpos negros.

Corta para o Nordeste, onde as chuvas em Pernambuco causaram, até o mo-



mento em que fechávamos esta edição 129 mortes. São cerca de 130 mil desabrigados e desalojados. Se as chuvas são um fenômeno natural, intensificadas pelas mudanças climáticas, as mortes não. São resultado de anos de descaso de sucessivos governos, das três esferas, com a população.

EXPRESSÕES DO GOVERNO BOLSONARO E DO CAPITALISMO EM CRISE

Chacinas, execuções bárbaras, desaparecimento de ativistas, mortes por “balas perdidas” em incursões policiais e vítimas de “fenômenos naturais” que chegam à casa das centenas vão fazendo, cada vez mais, parte do nosso dia a dia. A tal ponto que a população vai se anestesiando diante das cenas mais aterradoras. O que une esses casos, aparentemente distantes e sem conexão entre si? São todas expres-

sões da barbárie promovida e impulsionada pelo governo Bolsonaro e, mais que isso, que o capitalismo em crise precisa, cada vez mais, impor à população e ao povo pobre para seguir se reproduzindo.

Assim como a situação de degradação, retrocesso e caos social criou as condições para um governo como o de Bolsonaro, o capitalismo precisa impor um grau de superexploração e repressão cada vez maior para que os super-ricos, os bilionários, as grandes empresas, banqueiros e multinacionais continuem lucrando. O resultado é a multiplicação da barbárie no nosso dia a dia. As vítimas são sempre os trabalhadores, o povo pobre, os indígenas, LGBTIs, as mulheres e os negros.

O plano do imperialismo para o Brasil, aplicado à risca por sucessivos governos e aprofundado pelo capacho do Bolsona-

ro, é a completa recolonização, entregando de vez o país, arrasando com o meio ambiente e os povos originários, e tirando o que resta de direitos trabalhistas, rebaixando salários e explorando até a última gota de suor. E para impor isso, aprofundar o genocídio negro e indígena, as chacinas e o encarceramento em massa. O número de pessoas encarceradas no país subiu 7,6% desde o começo da pandemia. São quase 920 mil pessoas, destas, quase metade sem julgamento, e nessa totalidade prevê-se que cheguem a 2 milhões nos próximos dois anos.

LULA-ALCKMIN NÃO É A SOLUÇÃO

Não é à toa que a barbárie cresça na mesma medida em que nos afundamos cada vez mais nessa crise econômica e social. Para enfrentá-la, é preciso derrotar para valer o governo Bolso-

naro, a cara mais perfeita dessa situação, acabar com a fome, a miséria, o desemprego, a precarização, o sucateamento da saúde e educação, a destruição do meio ambiente e demais problemas que compõem esse caldeirão infernal em que estamos. E para fazer isso só há uma forma: atacar os lucros e propriedades dos super-ricos, dos bilionários e das grandes empresas e multinacionais que controlam a nossa economia.

A alternativa Lula-Alckmin não representa uma opção e algo realmente diferente a tudo o que está aí. Juntamente com o agronegócio, as multinacionais e os banqueiros, não vão mudar substancialmente essa política econômica, vão continuar governando para os ricos e gerenciando o capitalismo em crise. Nem mesmo representa um alívio à barbárie e repressão. É bom lembrar que Alckmin estava à frente do governo quando a PM paulista perpetrou a maior matança já registrada neste país, os chamados “crimes de maio” de 2006. Sob justificativa do combate ao PCC, a PM matou 505 pessoas em apenas duas semanas. Você acredita que Alckmin se arrependeu e mudou de lado?

Para enfrentar a barbárie, é preciso enfrentar a degradação social e o retrocesso impostos pelos governos e o capitalismo. Para fazer isso, é preciso que os trabalhadores lutem e se organizem de forma independente, avançando na construção de uma alternativa socialista e revolucionária. É a esse serviço que está a pré-candidatura de Vera à Presidência, pelo PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário. Enquanto ficarmos reféns de projetos, programas e alternativas da burguesia, nada vai mudar e continuaremos a chorar por nossos mortos.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MUABPH](https://bit.ly/3MUABPH)**

ALTERNATIVA

Voto útil é o voto na independência de classe e no socialismo

 **DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO**

OPSTU e o Polo Revolucionário Socialista lançaram a pré-candidatura de Vera a fim de apresentar à classe trabalhadora uma alternativa de independência de classe e socialista nessas eleições.

Qual o sentido de lançar uma pré-candidatura minoritária, que já enfrenta um sistema eleitoral antidemocrático e a barreira da grande imprensa? Não é melhor apoiar Lula-Alckmin e elegê-lo já no 1º turno? É o que defende grande parte das organizações de esquerda como meio de se evitar alguma aventura golpista à lá Capitólio, nos Estados Unidos.

Uma parte dos que já declararam voto em Lula-Alckmin dizem que tudo vai melhorar depois de outubro. Outros, tentam fazer um certo contorcionismo: sabendo que a ultradireita não se derrota na urna, defendem derrotar Bolsonaro votando em Lula, e o golpismo “nas ruas”. Muitos ativistas ainda dizem algo como: até concordo com vo-

cês, não tenho qualquer expectativa em Lula ou Alckmin, mas é urgente derrotar Bolsonaro.

Qual é o problema disso? Primeiro, que essa alternativa não é capaz de resolver os problemas mais urgentes da classe trabalhadora como o desemprego, a precarização, a carestia e a fome. Segundo, não vai derrotar em definitivo a ultradireita e o golpismo, pelo contrário, só a fortalece ainda mais e prepara a derrota da classe lá na frente. E terceiro, desarma a classe não só em relação aos confrontamentos no futuro, mas agora mesmo, jogando contra a mobilização independente dos trabalhadores.

UMA SOMA QUE SUBTRAI

Uma vez eleito, o governo Lula-Alckmin não tocará nos lucros e propriedades dos super-ricos e bilionários. Lula já afirmou que não irá revogar a reforma trabalhista, convocou os economistas do Plano Real para formular seu projeto econômico, e a própria Gleisi Hoffmann avisou que manterá o presidente do Banco Central de Bolsonaro.

Um governo de conciliação de classes que se dedique a gerenciar a crise capitalista resulta, invariavelmente, em ataques à classe. Aqui do lado, no Chile, estamos vendendo o resultado disso. Gabriel Boric, eleito com uma enorme expectativa pela esquerda, além de não tocar nos graves problemas sociais vividos pela população chilena, declarou Estado de Exceção nas regiões mapuche para reprimir a luta dos indígenas.

E qual o problema da desmoralização de um governo de conciliação numa situação de crise e polarização? Isso fortalece a ultradireita. Trotsky já sabia disso quando, nos anos 1930, atacou a união de socialistas com a burguesia. E a situação lá era bem pior, com o risco iminente do fascismo. Em fevereiro de 1934, uma manifestação fascista armada provocou a derrubada de um governo burguês “democrático” e a ascensão de um governo semi-bonapartista. Pois bem, nas eleições seguintes, já sob restrições nas liberdades democráticas, Trotsky defendeu a completa independência de



classe e a não participação em governos burgueses.

Um governo com a burguesia “nada daria aos operários ou às massas pequeno-burguesas, pois não poderia atentar contra os fundamentos da propriedade privada. E, sem expropriação dos bancos, das grandes empresas comerciais, das indústrias-chave, dos transportes, sem monopólio do comércio exterior e sem uma série de outras medidas profundas não é possível, em absoluto, socorrer o camponês, o artesão ou o pequeno comerciante”, escreveu no livro “Onde vai a Fran-

ça”. Trotsky vaticina que “por sua passividade, impotência, mentira”, um governo entre o então partido burguês de oposição e os socialistas, desataria uma “revolta na pequena burguesia e a empurraria definitivamente para a via do fascismo”.

Foi o que vimos, em certo grau, depois da crise do governo Dilma e do PT, no qual o bolsonarismo e a ultradireita surfaram. Agora, imagine isso numa situação de crise ainda maior, com uma ultradireita armada e organizada, contando com setores das Forças Armadas.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Uma alternativa de classe contra o capital fortalece a luta contra Bolsonaro



Fortalecer a independência de classe, a luta e a organização independente dos trabalhadores é uma necessidade tanto para lutar por empregos, salários e direitos, como para fazer frente ao golpismo. Se parte majoritária da burguesia, e até o imperialismo, se opõem a um projeto de ditadura hoje, também é certo que não serão consequentes diante de um “fato consumado”, desde que continuem ganhando dinheiro.

As instituições da democracia burguesa muito menos têm compromisso com essa mesma democracia dos ricos, haja visto as vergonhosas capitulações do Supremo Tribunal Federal (STF) aos militares, ou as “consultas” da direção do PT ao comando das Forças Armadas se elas darão ou não um golpe.

Defender aliança e alimentar ilusão na burguesia, na direita e no processo eleitoral, portanto, joga contra isso. Enfraquece a luta, “nas ruas”, contra Bolsonaro e o golpismo.

O 1º turno é o momento de apresentar um programa e uma alternativa de luta e independência de classe. Mais do que expressão de protesto, cada voto numa candidatura socialista fortalece a construção dessa alternativa. E o crescimento de uma alternativa de classe contra o capital fortalece a luta contra Bolsonaro, a ultradireita, e qualquer outro governo que nos ataque.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XUHYXL](https://bit.ly/3XUHYXL)**

ENTREVISTA COM PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO JÚNIOR

“O PSOL perdeu a capacidade de intervir na política brasileira com independência de classe”

 ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

Após a decisão de apoio à chapa Lula-Alckmin e a conformação de uma federação partidária com a Rede Sustentabilidade, grupos e militantes individuais têm rompido com o PSOL. Em maio último, uma carta de ruptura coletiva foi divulgada na internet com assinaturas de dezenas de militantes, entre eles, o economista e professor aposentado e editor-geral do portal Contrapoder, Plínio de Arruda Sampaio Júnior.

O Opinião Socialista conversou com Plínio sobre esse processo de ruptura do PSOL e os desafios da esquerda socialista brasileira, frente à necessidade da afirmação de independência de classe para combater Bolsonaro e seu projeto de ditadura, bem como o projeto de conciliação de classes capitaneado pelo PT, abraçado pelo PCdoB e pelo PSOL.

A carta de ruptura coletiva afirma que a direção adaptou o PSOL aos parâmetros da institucionalidade burguesa e banindo a defesa do socialismo. Como se deu esse processo?

Plínio - A crise do PSOL é uma crise quase que permanente. Foi um partido criado como uma alternativa ao PT, contudo, desde o início, o debate para a superação do PT foi bloqueado. Esse bloqueio aumentou a partir da crise institucional de 2016 com a deposição da Dilma. A partir daí, o PSOL começou a sofrer uma forte pressão para não fazer o debate e se reenquadrar na órbita do PT.

O primeiro movimento disso foi a entrada do Boulos já com a missão de ser candidato a presidente em 2018. Esse processo foi se apro-

fundando e culminou com a decisão da direção do partido de fazer uma aliança, já no primeiro turno, com Lula e Alckmin e a formação de uma federação com a Rede Sustentabilidade.

Esses duas decisões foram o estopim para a ruptura com o PSOL?

Plínio - Sim. Foi a pá de cal. Para nós, o PSOL perdeu por completo sua capacidade de intervir na política brasileira com independência de classe. Isso precipita uma crise profunda dentro do partido. Esta crise está só começando. Ela já vinha de antes, mas agora muda de qualidade.

Essa mudança de qualidade do partido leva a quê?

Plínio - No fundo, o que estamos assistindo é o início da crise do PSOL como um partido socialista. É o início do fim, digamos assim, que se desdobrará em várias diásporas, que vão saindo do PSOL de maneira desigual no tempo.

Vocês travaram uma luta interna contra essa mudança de percurso. Como se deu esse embate?

Plínio - Primeiro organizamos uma carta intitulada ‘PSOL na encruzilhada’, que recebeu quase mil assinaturas. A carta alertava sobre a importância de termos uma candidatura própria, como único meio de termos uma voz nas eleições – uma voz que fizesse um contraponto à ofensiva imensa do capital sobre o trabalho –, e alertando sobre o significado da aliança com a Rede Sustentabilidade.

A ruptura vem na sequência desse embate?

Plínio - Sim. Rompemos e lançamos uma carta de saída



coletiva, que está circulando e já tem cerca de 250 assinaturas. O mais importante desse processo é o debate que essa carta está provocando dentro do partido. Há uma grande efervescência na esquerda do partido, mas não só. Mesmo nos setores que estão, digamos assim, na Ala direita do partido tem militante assinando a nossa carta.

Qual a perspectiva pós-ruptura?

Plínio - A perspectiva é, primeiro, fazer uma crítica profunda à experiência do PSOL, para entendermos o que houve. A partir desse movimento,clarear o que fazer. Dessa turma que sai do PSOL, uma parte vai se dirigir ao Polo Socialista e Revolucionário, como uma primeira instância de acolhimento e ação política. A outra parte reluta ainda em tomar qualquer

outra decisão e vai discutir um pouco mais para onde ir.

Você acha que esses que romperam com o PSOL vão vir para o Polo e votar na Vera?

Plínio - Todos que romperam olham com muita simpatia para a campanha da Vera. Ela é uma militante revolucionária com muita simpatia pela esquerda. Provavelmente, todos votam na Vera, mas uma parte reluta em fazer qualquer outra experiência antes de ter uma noção mais clara sobre o que aconteceu com o PSOL.

A tarefa de reorganizar o movimento comunista é grande e urgente. Não é uma tarefa só brasileira, é uma tarefa mundial. Eu sou, particularmente, muito simpático ao projeto do Polo Socialista e Revolucionário. Estou na coordenação do Polo e acho que

ele deve ser um espaço que permita esse tipo de debate, de maneira aberta e fraterna.

Para isso, temos que enfrentar o capital e fazer uma revolução. O desafio é grande, porém, acho que as organizações hoje estão aquém do tamanho do desafio. Isso temos que começar a pensar com muita coragem e firmeza.

Você vai fazer campanha para Vera? Vai votar na Vera?

Plínio - Eu vou chamar o voto na Vera. Vou votar na Vera. Já votei na Vera antes. Mas vou seguir pregando a unidade da esquerda. Sou defensor de uma frente de esquerda, porque acho que esquerda tem que estar unida, para termos uma força mínima para podermos entrar em campo.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MA4YPT](https://bit.ly/3MA4YPT)**

CHUVAS

Tragédia em Pernambuco revela segregação urbana

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Durante o outono e o inverno, o continente africano manda para a costa do Nordeste brasileiro um grande sopro molhado. Lançando-se furiosamente sobre o Atlântico, ventos alísios em forma de ondas se deslocam de leste para oeste carregando uma imensa quantidade de água que é arremessada sobre a costa de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. A ciência chama esse fenômeno atmosférico de Distúrbios Ondulatórios de Leste (DOL), que está mais intenso devido à atuação de outro fenômeno chamado La Niña e também em razão das mudanças climáticas provocadas pelo capitalismo. Como contribuem significativamente para as chuvas na costa do Nordeste, estas são esperadas ansiosamente pelos agricultores da Zona da Mata, cujos cultivos são realizados durante o outono-inverno. Mas também podem causar eventos extremos de chuva, com alagamentos e deslizamentos de encostas.

Graças ao desenvolvimento dos satélites, há muitas décadas a ciência conhece e monitora esse fenômeno. E, certamente, os agricultores da Zona da Mata o conhecem ainda há

mais tempo. Por isso, não dá para colocar na conta da natureza a tragédia que se abateu no Grande Recife e em outras cidades pernambucanas, que registrou, nos últimos dias, o maior número de mortes causadas por chuvas da história de Pernambuco. Até o momento, foram contabilizados 128 mortos, além de mais de 9 mil desabrigados.

CADA VEZ MAIS COMUM

Esses eventos se tornaram cada vez mais recorrentes. Além dos desastres de Pernambuco, tragédias semelhantes ocorreram no início do ano, em Minas Gerais, na Bahia e no Rio de Janeiro. Para além do excesso de chuvas, o principal problema que tem vitimado muitos brasileiros, a maioria pobre e negra, é a desigualdade social que empurra essa população para as chamadas “áreas de risco”. E isso é problema social relacionado ao insaciável apetite da especulação imobiliária que promove a segregação social e espacial nas grandes cidades. Sob o capitalismo, a terra é mais uma mercadoria. Os mais valorizados são aqueles terrenos bem situados, com fácil acesso às vias de comunicação, transporte, infraestrutura etc.. A população pobre é condenada a morar em

regiões carentes em relação a todo tipo de infraestrutura, e muitas vezes vai parar nas encostas dos morros e nas várzeas dos rios, locais que não interessam à especulação. Essa lógica é que determina o modo de ocupação de uma cidade.

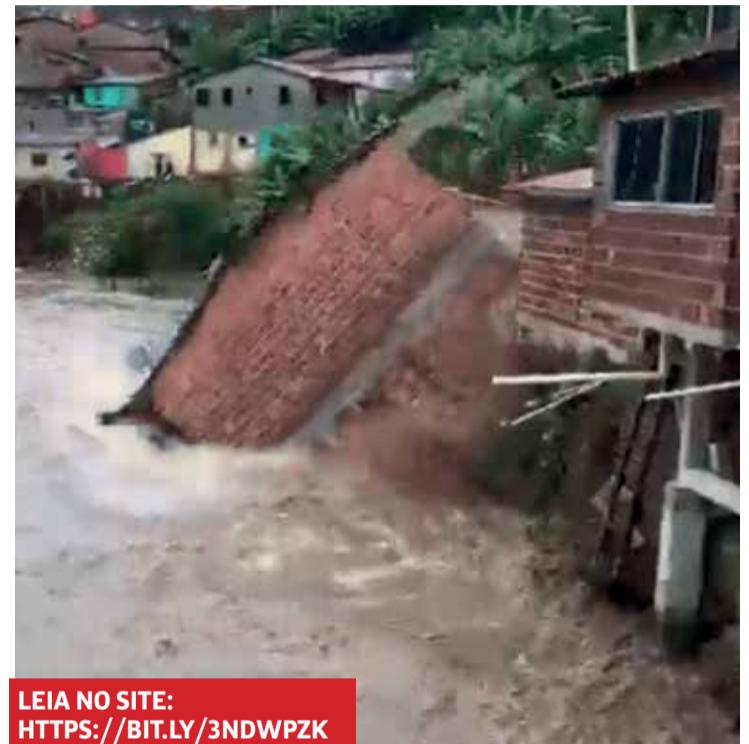
SEGREGAÇÃO

Apenas em Pernambuco, o Serviço Geológico do Brasil já mapeou 58.310 moradias com 236.307 pessoas vivendo em 1.081 áreas de risco para deslizamentos e inundações. No Brasil o montante é de 3,9 milhões de pessoas vivendo em risco. Ao mesmo tempo, o déficit habitacional no Grande Recife chegou a 113.275 unidades em 2019, segundo a Fundação João Pinheiro.

A crise social, o desemprego e a fome empurram ainda mais famílias pobres para os barracos e encostas. Não é por acaso que 2022 é o que mais registrou mortes causadas por excesso de chuvas dos últimos 10 anos, segundo a Confederação Nacional dos Municípios (CNM). Mais de 25% dos 1.756 óbitos dessa série histórica se deram apenas nos últimos cinco meses.

A CULPA DOS GOVERNOS

A solução para evitar essas tragédias começa pela imple-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3NDWPZK](https://bit.ly/3NDWPZK)

mentação de uma política de reformulação urbana profunda que ponha fim à especulação imobiliária, permita investimento em infraestrutura e habitações dignas à população pobre. Mas isso exige o enfrentamento contra o capital imobiliário, que banca as campanhas eleitorais dos principais partidos políticos.

Os governos sequer investem na prevenção de desastres. Segundo a CNM, entre 2010 e 2022, os últimos governos repassaram R\$ 15,3 bilhões para o enfrentamento e prevenção, o que representa apenas 42% do que foi prometido.

Bolsonaro, que sobrevoou áreas mais atingidas pelas chu-

vas e disse que “infelizmente, essas catástrofes acontecem”, foi quem mais diminuiu a verba federal da prevenção de desastres. Segundo o portal Congresso em Foco, o Orçamento de 2022 prevê R\$ 447,9 milhões para prevenção e resposta aos desastres. Mas o valor é 35,38% menor do que no ano anterior.

No caso de Recife, desde 2013, a Prefeitura executou apenas 17% do orçamento previsto para obras de urbanização em áreas de risco. A cidade, dirigida pelo governo do PSB de João Campos, tem 67% da sua área em regiões de morro, mas nunca houve investimentos na garantia de infraestrutura.

VULNERÁVEIS DO CLIMA

Aquecimento global: nem todos estão no mesmo barco



A tragédia das chuvas também serve de alerta para as mudanças climáticas. Nas últimas cinco décadas, no mundo inteiro os extremos climáticos estão cada vez mais intensos e frequentes, como chuvas intensas, secas, ondas de calor e de frio, furacões e tempestades. Um relatório produzido pelo Painel Intergovernamental

sobre Mudanças Climáticas (IPCC) revela que as chuvas já são 0,3% mais frequentes e 6,5 vezes mais intensas em todo o mundo. Caso a temperatura do planeta aumente em 2,7 C graus, isso resultaria quase o triplo da incidência atual de chuvas.

Mas é claro que nem todos vão sentir as mesmas consequências desse processo.

Enquanto existir, o capitalismo continuará produzindo um enorme contingente de miseráveis, empurrando-os para morrer nas áreas de risco. Enquanto isso, os ricos capitalistas continuarão desfrutando da segurança de seus confortáveis e luxuosos condomínios. Os donos do dinheiro estão adaptados às mudanças climáticas.

OPRESSÃO

A fome no Brasil tem rosto de mulher



ÉRIKA ANDREASSY
SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

A Fundação Getúlio Vargas divulgou pesquisa que mostra que cresceu de 30% para 36% o número de pessoas vivendo em situação de insegurança alimentar, das quais 64% são mulheres. Ou seja, de cada três pessoas que passam fome no Brasil duas são mulheres.

O Brasil está entre os cinco maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo. No cultivo de grãos, o país ocupa a quarta colocação. É o maior produtor de açúcar e café, o maior exportador de milho e o maior produtor de soja. Somente em 2020 quase 2,2 milhões de toneladas de carne bovina foram exportadas para o estrangeiro.

Esses dados contrastam com o aumento da miséria e da fome. Uma dolorosa realidade retratada nas cenas grotescas que ganharam os noticiários no início deste ano, com pessoas revirando caminhões de lixo em busca de alimentos ou disputando

um lugar na fila do osso. A maioria das pessoas vivendo nessas condições são mulheres negras e mães solo. Com o aumento da inflação, a queda da renda e os índices de desemprego feminino, a tendência é essa situação piorar.

DE VOLTA AO MAPA DA FOME

O aumento da insegurança alimentar no Brasil vai na esteira de uma realidade mundial. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a pandemia empurrou mais 118 milhões de pessoas para a fome no mundo em 2020. Nesse período entre 720 e 811 milhões de pessoas passaram fome, um retrocesso de 15 anos.

Mas, pela primeira vez, a insegurança alimentar brasileira superou a média mundial. O país teve um aumento quatro vezes maior no cenário da fome, sendo que a



População disputa ossos e restos de carne no Rio de Janeiro

insegurança alimentar feminina chega a ser seis vezes maior que a média. A situação do Nordeste é uma das mais graves. Segundo inquérito nacional da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, em 2020, o índice de insegurança alimentar chegou a 70% na região.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XUSHMY](https://bit.ly/3XUSHMY)

A fome no país aumenta na mesma proporção que a fortuna dos bilionários. Em plena crise sanitária, a fortuna dos mais ricos aumentou 30%, e o Brasil ganhou dez novos bilionários. O 1% mais rico passou a concentrar metade da riqueza do país, sendo que apenas 20 pessoas detêm hoje mais riqueza que 60% da população.

UMA COMBINAÇÃO CRUEL PARA AS MULHERES

Nem a desigualdade social, nem o recorte de gênero e raça da pobreza e da fome são produto do acaso, mas do modo de produção capitalista, onde a riqueza de uns poucos se dá às custas do empobrecimento da maioria e pela combinação de opressão e exploração. A opressão sobre as mulheres e negros serve para dividir e estratificar a classe trabalhadora, ajudando a manter um exército de desempregadas e de desempregados que, diante de condições miseráveis de vida, aceitam submeter-se à superexploração, a ganhar salários mais baixos e a relações precárias de trabalho.

A opressão funciona como um mecanismo de regulação do mercado de trabalho, uma vez que o sistema não garante emprego para todos. No caso das mulheres, ao menor sinal de crise capitalista, são mandadas para casa sob a justificativa de que o salário da mulher é “complementar”, mesmo que 45% das famílias brasileiras sejam chefiadas por mulheres.

A naturalização das tarefas domésticas e de cuidado pelas mulheres ajuda a disfarçar que o problema é o capitalismo, pois se o trabalho doméstico fosse socializado (com creches e escolas para todas as crianças, lavanderias públicas e restaurantes populares, espaço de convivência para idosos e de cuidados para os doentes e portadores de necessidades especiais, etc.), não haveria desculpas para as mulheres serem preteridas no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que aliviaria a sobrecarga doméstica, parte desses serviços ainda ajudaria a combater a pobreza e a fome e a melhorar a vida da população.

CAUSAS

Atacar o problema de fundo

À fome se somam 30 milhões de pessoas que não possuem casa para morar, as tragédias produzidas pela emergência climática, os ataques aos direitos e conquistas sociais, o desmonte dos serviços públicos etc.. Essa situação que não é de hoje foi agravada pelo governo Bolsonaro e seu projeto de rapina, mas não vamos sair dela se não atacarmos o problema de fundo. Por isso a estratégia eleitoral do PT e da frente ampla é uma falácia, pois significa se aliar justamente à burguesia, que se beneficia dessa situação. É preciso responder a essa realidade com um programa de independência de classe que aponte para a superação desse sistema, sendo que a candidatura da Vera está a serviço desse programa e dessa estratégia.

SEGURANÇA

A violência é política de Estado

O assassinato de Genivaldo e a chacina no Rio de Janeiro chocaram o país pelo nível bárbaro da violência e trazem à tona um debate sobre a atual política de segurança pública no Brasil e a quem ela serve.



JÚLIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

O Brasil é um país violento e desigual. Em 2021 foram mais de 41,1 mil mortes violentas, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Só para comparar, na Guerra do Afeganistão a média de mortes por ano é estimada em 12 mil.

Hoje se vive entre a naturalização desse alto grau de violência, ou ainda o uso populista do tema para defender medidas enganosas, como faz Bolsonaro e a direita. Para eles, bastariam mais armas para a polícia, mais mortes e mais prisões. Ainda defendem armar os ricos e têm relações com as milícias. Também apoiam a violência de garimpeiros, fazendeiros e madeireiros na Amazônia contra ribeirinhos e indígenas. O desaparecimento recente do jornalista britânico Dom Philips e do trabalhador da Fundação Nacional do Índio (Funai), Bruno Araújo Pereira, traz a possibilidade de que tenham sido as novas vítimas deste setor. No Rio de Janeiro, o governo começou uma distribuição de armas e munições a esmo para os policiais fazerem bico.

BRUTALIDADE POLICIAL E A BURGUESIA BRASILEIRA

Os casos recentes de Genivaldo e da chacina na Vila Cru-

zeiro, no Rio de Janeiro, foram crimes cometidos pelos agentes de segurança pública que supostamente deveriam proteger todos os cidadãos. E não são casos isolados; são cerca de 6.133 mortes causadas por policiais só em 2021. De 2013 a 2020 a evolução das mortes violentas pela polícia aumentou absurdos 190%. A população negra tem três vezes mais chance de ser morta por policiais.

O caso de Genivaldo chocou. Além de o assassinato ter sido promovido pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), com uma câmara de gás improvisada, foi uma tortura covarde contra alguém que não oferecia risco a ninguém. Ou seja, revelou em todos os contornos o caráter da política de segurança brasileira: o sadismo, a tortura e a brutalidade contra os pobres e negros.

A solução passa pela necessária punição dos policiais envolvidos, mas o problema não acaba aí. Essa política de segurança pública racista e elitista está no coração da formação do Brasil enquanto nação e reflete a própria fisionomia da classe dominante brasileira.

Se não é assim, porque a primeira reação da cúpula da PRF foi reivindicar a ação? Após a grande repercussão, da ampla divulgação do vídeo, o discurso mudou.

Nem os defensores da violência policial como Bolsona-

ro e a ultradireita conseguiram defender essa execução. Mesmo entre os que se dizem de esquerda, há muita hipocrisia. Por exemplo, enquanto Lula questiona corretamente a atuação da PRF no caso Genivaldo, a letalidade policial no governo do PT na Bahia aumentou absurdamente.

Depois que 28 pessoas foram mortas na Vila Cruzeiro, a cúpula da polícia e os governos logo saíram em defesa da ação policial. Justificaram que se tratava de um confronto com bandidos, e os mortos seriam todos envolvidos.

Mas segundo a Promotoria, três das 28 mortes foram comprovadamente execuções sumárias da polícia. Algumas com adulteração da cena para dificultar apurações e forjando flagrantes, como pistolas perto dos corpos. Ficou provado ainda que duas vítimas não tinham relação com o crime. Uma sofreu um ataque epilético durante a ação e a outra não tinha condições físicas de segurar uma arma.

Para os promotores, do total de vítimas apenas 13 mortos foram considerados legítima defesa dos policiais. Os demais casos dessa chacina brutal foram arquivados porque não se conseguiu provar nada. Mesmo considerando que a promotoria esteja correta (o que já é difícil de acreditar pelo papel da justiça em avalizar as ações dos go-



A imagem de Genivaldo, homem negro de 38 anos, sendo sufocado em uma câmara de gás pela PRF chocou o país.



Imagem da chacina policial no Jacarezinho (RJ) do último dia 6.

vernos), o que pensar de uma operação policial que não consegue explicar a maioria das mortes? Isso é segurança pública?

Já são pelo menos quatro décadas de “guerra às drogas” que, além de não acabar com o tráfico, sequer diminui as mortes. As operações policiais nas comunidades cariocas não servem para combater o crime ou o trá-

fico. Apenas resultam em consequências lamentáveis para o povo que sofre na encruzilhada da violência do tráfico, da milícia ou da polícia. Mas também para os próprios policiais que servem de bucha de canhão da cúpula da corporação, dos governos e da burguesia. Isso não é uma política de segurança, é uma política de extermínio.

PAPEL DA POLÍCIA

Matam os pobres para sustentar a propriedade dos ricos

- Na verdade podemos voltar até a formação do país para entender o papel da polícia. A Polícia Militar no Rio de Janeiro foi criada em 1809 com a vinda da Corte portuguesa ao Brasil. Suas atividades estavam ligadas direta e abertamente à repressão dos escravos e delitos sociais relacionados ao controle dos explorados e oprimidos.
- Após o fim da escravidão, o objetivo continuou o mesmo. De formas diferentes, o alvo sempre foi a criminalização e a repressão dos pobres, trabalhadores e negros. Não por acaso hoje 81,5% dos mortos pelas polícias são negros.
- A violência é um recurso institucional e estatal fundamental para a burguesia brasileira, que conseguiu sustentar o capitalismo e seus lucros exorbitantes oferecendo migalhas ao povo. E assim foi capaz de conter qualquer revolta popular por condições mínimas de vida ou por alguns direitos democráticos básicos como acesso à terra, que foi vetado aos recém-libertados da escravidão por determinação legal.

para sustentar desigualdade

NECESSIDADE

Desmilitarização da polícia e autodefesa dos trabalhadores

A execução de Genivaldo pela PRF demonstra apenas como toda essa política, método e concepção reacionária e militarizada, se alastrou para muito além das PMs e faz parte de todas as polícias e instituições, inclusive da Justiça.

Por isso, o problema não se resolve somente pelo dilema entre bons e maus policiais,

ou por mais investimentos em inteligência, ou simplesmente reformar os currículos das academias. É preciso um profundo processo de desmilitarização das polícias, com a garantia dos mesmos direitos democráticos e sindicais das outras categorias para os policiais.

Enquanto houver capitalismo a polícia não deixará de

cumprir esse papel de garantir os interesses dos capitalistas. Ter uma polícia a serviço do povo e dos trabalhadores se choca com os interesses da classe dominante e pressupõe uma revolução neste país que acabe com o poder da burguesia e garanta o fim da atual política de segurança.

Parte dessa luta é também

garantir a legítima defesa dos trabalhadores contra os abusos do Estado. O povo e os trabalhadores não podem ficar reféns nem do tráfico, nem da milícia ou da polícia. Também não é possível ficar vendo calados a ultradireita se armando, fazendo ameaças autoritárias e se utilizando das Forças Armadas. Está colocada a necessida-

de de o movimento social, dos trabalhadores e das comunidades organizar sua autodefesa de maneira coletiva e democrática. E isso significa também fazer um chamado a que os soldados e praças não obedeçam a seus comandos e parem de reprimir e matar o seu próprio povo. Que virem suas armas contra os ricos e poderosos.

CAUSAS

Acabar com a fome e a miséria para combater a violência



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AQD3XQ](https://bit.ly/3AQD3XQ)

As causas do aumento da violência e da criminalidade estão ligadas ao problema da desigualdade social e à situação de miséria crescente. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), 13% da população vive na extrema pobreza, com R\$ 260 por mês. Em 2021, mais da metade dos lares brasileiros vivenciou insegurança alimentar e 36% ainda estão nessa situação. Enquanto isso, o número de

bilionários cresceu no país, com um aumento da riqueza deles em 71%, somando mais de R\$ 1 trilhão.

Por isso, segundo a Defensoria Pública de Salvador (BA), os furtos de comida para se alimentar saltaram de 11,5% em 2017 para 20,25% em 2021. Junto a isso também aumentam as mortes violentas ligadas à desagregação social.

Mas há uma forma de roubo que é legalizada e está na

base do sistema. Chama-se exploração e espoliação. Enquanto os ricos faturam milhões, faltam emprego, salários, educação, saúde, saneamento e moradia para o povo. Com o governo usando os recursos públicos para garantir isenções fiscais e todo tipo de benefícios para os bilionários, os ricos e poderosos exigem mais violência estatal para manter os famintos quietos, sem que os incomodem.

LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS

O crime organizado é um negócio capitalista

Os jovens são bombardeados todos os dias com ideias da burguesia de que têm que empreender, têm que se esforçar, correr atrás, para se dar bem na vida. Diante do desemprego gigantesco no país, muitos não veem outra escolha senão entrar no negócio criminoso do tráfico. Mas servem de bucha de canhão de quem controla esse negócio bilionário, e que não mora nas favelas, e tem ligação com os bancos e as grandes empresas que lavam

essa grana, com a cúpula das polícias e do Estado.

O combate e a repressão aos pequenos traficantes no varejo das comunidades têm como único efeito aumentar seu preço. Não será com operação policial que o tráfico vai acabar.

É preciso encarar o problema. Para acabar com o tráfico, tem que tirar este negócio da mão dos traficantes. E isso se faz legalizando as drogas para que o Estado possa garantir o controle e monopólio estatal



Protestos dos moradores do Jacarezinho contra a chacina realizada pela polícia.

de produção e sua comercialização. Além disso, tratar os dependentes químicos como

casos de saúde pública. Assim se minaria o tráfico como um grande empreendimento que

tem poder das armas e alicia em massa a juventude.

Aqui não se trata de “defender bandido”, como acusaria um político de direita. Quem ajuda o tráfico, que é um negócio capitalista, na verdade são os defensores do próprio capitalismo que ganham dinheiro com a chamada “guerra às drogas”. A nossa luta contra a violência, portanto, precisa estar vinculada à luta para acabar com esse sistema. Sem isso a violência não acaba.

CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRAS

Petroleiros realizaram protestos em todo o país no último dia 2

 DA REDAÇÃO

O último dia 2 de maio foi marcado por uma forte mobilização nacional dos petroleiros contra a formalização do pedido do Ministério das Minas e Energia ao Ministério da Economia para que a Petrobras seja incluída no Programa de Parcerias e Investimentos (PPI). Com isso, o governo Bolsonaro dá oficialmente o primeiro passo visando a privatização da estatal.

A mobilização foi convocada de forma unitária pela Federação Nacional dos Petroleiros (FNP) e pela Federação Única dos Petroleiros (FUP), e também marcou o começo da Campanha

nha reivindicatória da categoria (Acordo Coletivo de Trabalho – ACT 2022).

O ato principal ocorreu em frente ao Edifício Sede da Petrobras (Edisen), na cidade do Rio de Janeiro, base do sindicato da categoria – Sindipetro-RJ (FNP) -, com a participação de cerca 500 trabalhadores. Foram protocoladas conjuntamente pelas duas federações as pautas reivindicatórias do ACT 2022.

“Foi um importante dia de mobilização contra a privatização da Petrobras pelo governo Bolsonaro e seus aliados, a exemplo do presidente da Câmara, Arthur Lira (PL-AL), que apresentou um projeto de lei para passar a jato a desesta-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MACK5S](https://bit.ly/3MACK5S)

tização, com a venda das ações, em que a União deixará de ter maioria para dirigir a estatal. Há um questionamento legal sobre essa proposta colocada pelo

Lira, mas quantas ilegalidades não foram aprovadas na Câmara e homologadas pelo STF [Supremo Tribunal Federal]? Temos que apostar na luta e fortalecer

a campanha em defesa da Petrobras 100% estatal”, afirma Eduardo Henrique, secretário-geral da FNP e diretor do Sindipetro-RJ.

CSN - VOLTA REDONDA (RJ)

Oposição lança chapa unitária às eleições do sindicato



A Praça Juarez Antunes, palco de lutas históricas da classe trabalhadora brasileira, em especial dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) – Unidade Presidente Vargas, em Volta Redonda (RJ), foi o local escolhido para o lançamento da “Chapa 2 – Hora da Mudança”, que tem como candidato à presidência o cipeiro de luta Edimar. O vice-presidente é Odair, da Comissão de Base dos Trabalhadores.

Protagonista em uma das principais lutas operárias travadas no país em 2022, a Comissão de Base dos Trabalhadores da CSN, com o apoio da CSP-Conlutas, juntou-se à histórica e combativa Oposição Metalúrgica e à Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) para concorrer nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense.

Os metalúrgicos da CSN agora poderão mudar os rumos do

sindicato da categoria, que há anos é dirigido burocraticamente pela Força Sindical. A Chapa 2 construirá um sindicato combativo e democrático, para iniciar uma nova era de lutas e conquistas para os metalúrgicos da CSN e de toda a região. A chapa terá como centro da campanha a defesa da reintegração de todos os trabalhadores demitidos por exigirem seus direitos e a pauta econômica da Campanha Salarial.

JACAREÍ (SP)

Sem acordo entre sindicato e Caoa Chery, demissões seguem canceladas

As demissões realizadas pela Caoa Chery, na montadora de Jacareí (SP), estão suspensas por determinação da Justiça do Trabalho, em resposta à ação civil pública movida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região (filiado à CSP-Conlutas). A empresa tentou reverter a decisão judicial, mas o pedido foi rejeitado.

No último dia 1º. de maio, uma nova audiência entre o

sindicato e a Caoa Chery foi realizada no Ministério Público do Trabalho, mas terminou sem acordo. O sindicato defende que seja implementado o layoff com mais três meses de estabilidade e a permanência da fábrica em Jacareí. A Caoa Chery insiste em não aceitar o layoff. Essa postura vai contra o compromisso assinado por seus representantes em ata

de reunião, ocorrida dia 10 de maio. Na ocasião, a empresa concordou com a proposta de layoff. Em seguida, recuou da decisão.

Os trabalhadores seguem acampados na porta da fábrica. “Vamos continuar organizando e mobilizando os trabalhadores, com o acampamento na porta da fábrica, assembleias e manifestações. Já conseguimos importantes vitórias na luta e no tribunal,

e continuaremos trilhando esse caminho”, afirma o presidente

licenciado do sindicato, Weller Gonçalves, militante do PSTU.



ORGANIZANDO A LUTA

Metalúrgicos realizam congresso em meio a forte processo de lutas

 LUIZ CARLOS PRATES, O 'MANCHA', DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Depois de um longo período marcado pela pandemia e a necessidade de distanciamento social, começa a haver a retomada de eventos para reunir presencialmente a vanguarda dos trabalhadores para a organização de suas lutas. Foi o que ocorreu com os metalúrgicos de São José dos Campos e região que, entre os dias 27 a 29 de maio, realizaram seu XIII Congresso.

Na Colônia de Férias da entidade, em Caraguatatuba (SP), estiveram reunidos 89 delegados de 21 fábricas da categoria mais aposentados e dezenas de observadores, convidados e familiares.

Com o tema “Organizar a luta por empregos, direitos e um Brasil dos trabalhadores”, o Congresso foi organizado com meses de antecedência, tendo sido precedido de reuniões na base, debates e eleição dos delegados (as) nas fábricas. Foi atravessado ainda pelo forte processo de lutas que ocorre na categoria desde o início deste ano.

Assim, tiveram destaque as delegações de operários (as) fábricas como Caoa Chery, Avibras e MWL, que travam fortes mobilizações por empregos e direitos, sem falar de outras categorias que participaram como convidados, como os metalúr-

gicos da CSN de Volta Redonda, Metroviários de SP e outros.

CONJUNTURA, LUTAS E ORGANIZAÇÃO PELA BASE

Os operários e operárias discutiram diversos temas como conjuntura nacional e internacional, democracia operária, organização de base, luta contra as opressões, entre outras, e ao final votaram as resoluções que definiram os rumos do Sindicato e da categoria para o próximo período.

Uma mesa de debate sobre a conjuntura internacional, composta por Maríucha Fontana (PSTU), Babá (CST-PSOL) e Gibran (Resistência-PSOL) foi muito concorrida e trouxe subsídios para as resoluções aprovadas.



Altino, pré-candidato ao governo de SP, fala em congresso metalúrgico

O repúdio à invasão da Rússia à Ucrânia foi um dos pontos altos das discussões, até porque os metalúrgicos têm enviado solidariedadeativa aos ucranianos. O trabalhador da Embraer e diretor do Sindicato Herbert Claros participou do Comboio Operário de Solidariedade à Resistência

Ucraniana que esteve no país no final de abril.

A resolução internacional aprovada por ampla maioria também exigiu a libertação dos presos políticos de Cuba, bem como a continuidade da ação internacionalista do Sindicato junto com a CSP-Conlutas e a Rede Internacional de Solidariedade e Lutas.

SOBRE AS ELEIÇÕES

Incentivar e dar atenção às candidaturas que mantêm independência de classe

A necessidade de apoio e unificação das lutas e a exigência às centrais sindicais para não se submeter ao calendário eleitoral e trabalhar para construir uma Greve Geral no país foi outra resolução central do congresso operário.

A proposta de apoio à candidatura de Lula/Alckmin no 1º turno apresentada por militantes

da corrente Resistência-PSOL obteve apenas 8 votos, sendo vitoriosa a tese apresentada pela diretoria do Sindicato que defendeu que não basta tirar Bolsonaro (PL) e manter o mesmo projeto liberal também adotado pelo PT.

“A chapa Lula/Alckmin não é solução, pois significa reafirmar um projeto de unidade nacional com a burguesia e o grande ca-

pital estrangeiro. É impossível enfrentar a crise e defender os interesses da classe trabalhadora e do povo pobre sem enfrentar as grandes empresas e os super-ricos. Isso se faz contra eles e não governando com eles”, diz trecho da resolução aprovada.

Sobre as eleições, os metalúrgicos aprovaram resolução que afirma: “no processo eleitoral, in-

centivar os(as) trabalhadores(as), além de se contrapor a Bolsonaro, a construir um programa que parta de suas necessidades e aponte para a ruptura com o sistema capitalista e para a construção de uma sociedade socialista. Incentivar e dar atenção às candidaturas que mantêm independência de classe em relação aos patrões e governos, como as do

Polo Socialista e Revolucionário”.

O Congresso aprovou ainda resoluções para avançar a organização no local de trabalho, sobre democracia operária, as lutas das mulheres, de combate ao racismo e a LGTfobia, em defesa dos aposentados, cultura e para avançar a reorganização do movimento com o fortalecimento da CSP-Conlutas.

POLO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIO

Debates sobre uma saída para o país



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3H5FMNL](https://bit.ly/3H5FMNL)

Durante um dos intervalos do Congresso, vários trabalhadores e ativistas participaram de uma plenária realizada pela militância do PSTU, com a presença do metroviário Altino, pré-candidato do PSTU e do Polo Socialista para governador de São Paulo, para discutir um programa socialista para o estado.

Na plenária, Weller Gonçalves, presidente do Sindicato que está à frente das

lutas da categoria, informou que na próxima semana faria a desincompatibilização da entidade por exigência legal, pois é pré-candidato a deputado federal pelo PSTU. Mas reafirmou que seguiria nas lutas. O plenário reagiu aos gritos “au, au, au Weller é federal”. Horas depois, os trabalhadores receberiam a notícia do cancelamento das demissões na Caoa Chery obtido na justiça pelo Sindicato,

to, o que fez a comemoração contagiar a todos.

Mais de uma dezena de operários (as) também se filiaram ao partido durante o evento.

Os intensos debates realizados mostraram a existência de uma vanguarda que, além das lutas imediatas, também discute uma saída para o país e para a barbárie que atinge o mundo, apontando uma referência classista e combativa para outros encontros de categorias marcados ainda este ano.

CAMPANHA

Solidariedade às trabalhadoras e aos trabalhadores ucranianos



**HERBERT CLAROS,
METALÚRGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS***

A invasão russa da Ucrânia já passa dos 100 dias. Representa a primeira guerra de agressão em larga escala na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo autoridades de Kiev, até agora a Rússia tomou 20% do território ucraniano. Continuam os avanços dos conflitos nas regiões sul e leste.

A guerra tem trazido sérias consequências humanas e sociais. Desde o início do conflito, cerca de 6,8 milhões de ucranianos fugiram de seu país e deixou mais de 7,7 milhões de deslocados internos.

A agressão criminosa de uma superpotência militar e atômica contra um país semi-colonial e oprimido deve receber a solidariedade à altura dos fatos. São jovens e trabalhadores que estão se juntando à resistência para defender o território de uma invasão que, com certeza, imporá uma situação de controle ditatorial, já enfrentada pelos ucranianos que vivem nas regiões da Crimeia e de Donbass.

A resistência dos ucranianos conseguiu retomar importantes cidades do país e segue nas regiões em conflito. Só não consegue mais avanços e vitórias pela falta de armas e infraestrutura para resistir a uma potencia militar como a Rússia.

Esses fatores são suficientes para justificar o apoio à resistên-

cia ucraniana. E esse apoio deve vir da própria classe trabalhadora, de maneira independente de governos e órgãos internacionais. Por isso que, juntamente com outras organizações sindicais, a CSP-Conlutas está em solidariedade de classe com a resistência ucraniana e construiu no mês de abril o “Comboio operário de ajuda à Ucrânia”.

AJUDA INTERNACIONAL

De 29 de abril a 2 de maio últimos, uma delegação da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas organizou um “Comboio operário de ajuda à Ucrânia”. O comboio contou com a participação das entidades sindicais CSP-Conlutas, Union Syndicale Solidaires (França), ADL Cobas (Itália), GIPS (Lituânia) e OZZ Inicjatywa Pracownicza (Polônia).

O comboio chegou a Lviv no dia 29, e no dia 30 os itens foram descarregados no armazém do grupo Sotsyalnyi Rukh. Os do-nativos foram encaminhados para o Sindicato Independente dos Metalúrgicos-Mineiros da cidade de Kryvyi Rih.

A ideia de organizar o comboio partiu da CSP-Conlutas e da central sindical francesa Union Syndicale Solidaires, inspiradas nos comboios humanitários organizados na década de 1990 pelo movimento operário internacional para Tuzla, na

Bósnia. Da mesma maneira que na década de 1990 a ideia era enviar ajuda internacional de trabalhadores para trabalhadores.

Para a construção do comboio foi fundamental a organização sindical polonesa OZZ Inicjatywa Pracownicza, que tem uma atuação entre os refugiados ucranianos.

O ATO DO 1º DE MAIO

No dia 1º de maio, os integrantes do comboio participaram de um ato-conferência organizado pela organização Sotsyalnyi Rukh. A conferência foi realizada no Palácio Municipal da Cultura. Estavam presentes mais de 50 pessoas entre as delegações estrangeiras e ativistas, além de sindicalistas ucranianos com destaque para os do Sindicato Independente dos Metalúrgicos-Mineiros de Kryvyi Rih, do Sindicato Independente dos Trabalhadores Ferroviários, do Sindicato dos Operadores de Guindaste de Lviv, a organização de mulheres “Warsztat Feministyczny”, e a “Work Safe”, uma organização que lida com os direitos dos refugiados.

Um dos temas mais debatidos foi o envolvimento da classe trabalhadora na resistência armada. Yury Petrovich, dirigente mineiro, estava presente na reunião e apresentou os sindicalistas de Kryvyi Rih que estão no front de batalha para falarem sobre a importância da solidariedade e da auto-organização



Integrantes do comboio de solidariedade



Manifestação em defesa do povo ucraniano na Av. Paulista



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XGUE2P](https://bit.ly/3XGUE2P)

Sindicalistas em
comboio de apoio
ao povo ucraniano

das forças armadas em sua cidade. Eles participaram ao vivo da reunião em transmissão online.

Outro momento forte na conferência foi a participação de um jovem ativista socialista ucraniano, membro da organização do Sotsyalnyi Rukh, que, com uniforme de defesa territorial e com armas na mão, nos enviou uma mensagem em ví-

deo sobre a solidariedade internacional dos trabalhadores.

Por fim, foi discutida a situação dos refugiados, tanto os que se encontram no país como nos países vizinhos. Existem centenas de denúncias de tráfico de pessoas, seja para trabalhos forçados ou para prostituição em países europeus e na própria Rússia.

APOIO

Continuar a campanha de solidariedade à Ucrânia

- O comboio entrou para a história da CSP-Conlutas e do movimento sindical brasileiro como um exemplo de solidariedade internacional. Foi a primeira organização do continente americano a realizar um ato desse porte.
- A vitória da resistência ucraniana dará uma lição a Putin e à oligarquia russa de que não se deve ameaçar o direito à soberania de uma nação. E essa derrota dos russos também serve de exemplo a outros países que lutam contra ocupações imperialistas. Por isso é tão fundamental cercar de solidariedade a classe trabalhadora ucraniana e denunciar também a hipocrisia dos países imperialistas que apostam em uma saída negociada e uma divisão econômica da Ucrânia conforme o interesse dos capitalistas russos, dos países europeus e dos Estados Unidos.
- Por isso a CSP-Conlutas aprovou em sua última coordenação nacional uma resolução de continuidade da campanha de solidariedade, com coleta de fundos para enviar à resistência dos trabalhadores ucranianos, e construção de mais um comboio de ajuda operária.

CONFIRA

Participe você também!

- Campanha nacional de arrecadação financeira para o “Fundo de Ajuda Operária à Ucrânia” via PIX da CSP-Conlutas:
- financeiro@cspconlutas.org.br ou via crowdfunding (vaquinha virtual) <https://abacashi.com/p/ajudaucrania>
- *Integrante da delegação da CSP-Conlutas que participou do Comboio operário de ajuda à Ucrânia.

TEORIA

Positivismo: o conservadorismo burguês

 GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

O agora ex-ministro da Educação do governo Bolsonaro, Milton Ribeiro, afirmou que o último teste do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) teria um caráter técnico e não ideológico. Essa declaração, na verdade, permeia todo o atual governo. Bolsonaro anunciou, quando eleito, que escoheria seus ministros com base em um critério técnico e não ideológico. Em reuniões do Mercado Comum do Sul (Mercosul), disse que busca comércio sem viés ideológico. Os exemplos poderiam se multiplicar.

Essa separação entre o aspecto técnico e o ideológico tem uma origem precisa na história: o positivismo. Sua influência foi tão grande no Brasil que o principal lema positivista está impresso na bandeira nacional: “Ordem e progresso”. Neste artigo, veremos como o positivismo surgiu e como ele permeia, até os dias de hoje, as práticas e discursos das classes dominantes.

DO PROGRESSO LIBERAL AO PROGRESSO POSITIVISTA

Em artigos anteriores desta série, vimos como o liberalismo burguês assumiu uma posição



No final do século 19, a ideologia positivista serviu para justificar práticas racistas tidas como supostamente científicas, tal como a eugenia.

até certo ponto revolucionária diante das classes dominantes do passado. Era preciso varrer os privilégios de sangue e casta da nobreza e do clero para fazer dominar inteiramente o mercado capitalista. No século XIX,

após o capitalismo se consolidar, depois da classe trabalhadora marchar independentemente em função de seus próprios interesses, tornou-se necessário uma nova ideologia burguesa ao lado do liberalismo.

A burguesia se tornou conservadora. O liberalismo clássico não era mais suficiente, pois ao lado do mercado privado, tornava-se cada vez mais necessário um Estado cada vez mais forte para conter os antagonismos sociais e fazer valer seus interesses tanto na arena nacional como internacional. O positivismo surgiu como um conservadorismo de novo tipo: adepto do progresso e inimigo da revolução. Mas como defender o progresso da sociedade e se opor a toda transformação profunda dessa mesma sociedade? Como ser, a um só tempo, progressista e contrarrevolucionário?

O POSITIVISMO

Das ciências naturais às ciências sociais

O pensador francês Auguste Comte encontrou uma engenhosa solução. Não haveria nada a se mudar na estrutura fundamental da sociedade. A humanidade havia chegado ao ponto final de seu desenvolvimento. Comte criou uma filosofia da história, dividindo a história humana em três etapas. A humanidade teria superado o estágio teológico das sociedades primitivas, baseado em ficções e mitos. Teria superado, ainda, o estágio metafísico, baseado na religião cristã e em teorias abstratas. Chegamos, finalmen-

te, ao estágio final: científico e positivo. Agora seria possível uma ciência social, capaz de nos conduzir a um futuro de progressos sem a necessidade de qualquer revolução.

Se há necessidade de uma ciência social, significa que não seria suficiente deixar a sociedade nas mãos espontâneas do livre-mercado. Somente agora, com o desenvolvimento da grande indústria e da técnica, com o desenvolvimento das ciências naturais, a humanidade estaria preparada para o desenvolvimento

último: a ciência social. A ciência social poderia conduzir a humanidade rumo ao progresso de modo gradual, planejado e não revolucionário.

A ciência social seria fundamentalmente uma ciência de Estado. O Estado estaria acima das classes sociais, sendo capaz de unir-las em torno do interesse comum do progresso. Sua autoridade advém não da democracia ou da soberania popular, mas da posse de um saber científico por parte dos indivíduos que dela participam. Indivíduos politicamente

neutros que apenas aceitam a forma como a sociedade é. Basta descobrir suas leis e, a partir delas, aplicar um plano científico de governo. A tarefa da ciência social e seu executor, o Estado, seria basicamente técnica, como a astronomia, a física e a biologia.

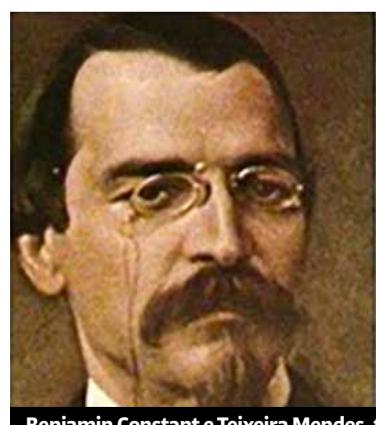
Essa visão que cria uma suposta ciência social em analogia com as determinações naturais está na base de outros desenvolvimentos teóricos posteriores, como o darwinismo social, o fascismo e o nazismo.



Auguste Comte, fundador do positivismo

O MARXISMO

Das ciências burguesas à ciência da revolução



Benjamin Constant e Teixeira Mendes, teóricos e práticos do Positivismo brasileiro.



Quando, portanto, os generais bolsonaristas e afins dizem querer retirar o viés ideológico do governo, querem dizer com isso unicamente que não existem transformações sociais a serem feitas. A sociedade atingiu o seu desenvolvimento final e definitivo. O capitalismo é eterno. Os interesses são comuns entre todos os indivíduos da sociedade: “Brasil acima de todos!” Basta desenvolver a técnica e a ciência tanto no

âmbito natural como no âmbito do Estado.

No último artigo desta série, veremos como o marxismo se insurgiu contra todas as ciências burguesas, procurando mostrar a impossibilidade de uma gestão racional e planejada do capitalismo de modo a gerar um desenvolvimento continuado. Toda técnica está sob uma forma social específica. Nada no domínio humano é puramente natural.

O capitalismo não é passível de ser administrado cientificamente por ninguém, ainda que uns poucos se beneficiem das crises, das guerras, da exploração e das opressões que ele produz. Para o marxismo, só há uma “ciência social” possível: a ciência da revolução, a ciência da destruição do capitalismo. O resto não passa de ideologia, no sentido pejorativo da palavra.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ZYyKfy](https://bit.ly/3ZYyKfy)

O VOO DE MILTON

O Brasil se despede de um ícone negro das artes no país



WELLINGTA MACEDO,
DE BELÉM (PA)

Nesse dia 30 de maio morreu, aos 88 anos, o ator Milton Gonçalves, em decorrência de complicações de um AVC que sofreu em 2020. Um dos maiores artistas negros do Brasil, Milton, contrariando as estatísticas raciais e sociais, deu voz e corpo a personagens importantes na dramaturgia que expressavam representatividade e consciência, no Cinema, Teatro e Televisão.

DE TRABALHADOR GRÁFICO A ESTRELA DAS ARTES CÊNICAS

Filho de trabalhadores rurais, Milton Gonçalves era mineiro de Monte Santo e foi ainda criança para São Paulo, onde começou a sua carreira. Trabalhava como gráfico quando, ao assistir a peça "A Mão do Macaco", saiu encantado com o ofício e resolveu entrar para um clube de Teatro Amador. Logo depois, entrou para o Grupo Profissional. Milton fez parte de um momento histórico do Teatro Nacional e de um dos movimentos artísticos mais importantes da Dramaturgia: O Teatro Arena.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3H7EZT1](https://bit.ly/3H7EZT1)

Foi no Arena que Milton conheceu outros artistas importantes do palco, com quem viria a trabalhar outras vezes: Gianfrancesco Guarnieri, Flávio Migliaccio e Odvaldo Viana, entre outros. O Teatro Arena foi uma verdadeira escola para Milton, que tinha apenas cinco anos de escolaridade. Lá estudou, além da história do Teatro, filosofia, imposição da voz, arte e política. Foi autor de quatro peças. Participou de outro movimento importante, o Teatro Experimental do Negro (TEN), que surgiu em 1944 no Rio, fundado por Abdias do Nasci-

mento que tinha como foco a valorização social do Negro e da Cultura Afro-Brasileira.

Entretanto, foi no Cinema e especialmente na Televisão, que Milton ficou conhecido do grande público e teve papéis marcantes que ficaram na memória do país. Foi o primeiro ator contratado da TV Globo, em 1965, antes de a emissora ser oficialmente fundada. Na década de 70, participou de uma das novelas mais importantes da Teledramaturgia Brasileira: Irmãos Coragem, como Braz Canoeiro.

Participou nesta década também de outras nove-

las importantes e em "O Bem Amado", novela de Dias Gomes. Milton conquistou o público com o personagem Zelão das Asas, o homem que queria voar numa clara alusão ao mito de Ícaro que queria deixar a Ilha de Creta, voando com seu pai, mas acabou morrendo ao voar muito alto, próximo ao Sol. Diferente da tragédia grega, Zelão voa no final da novela em uma cena comovente onde a cidade para assistir o homem voando sobre eles. Uma clara metáfora à liberdade do homem, em plena Ditadura Militar.

No Cinema, Milton Gonçalves interpretou papéis impor-

tantes que discutiam a questão de classe e dialogava com os setores oprimidos. No fim dos anos 60, Milton fez parte do elenco de "Macunaíma", de Joaquim Pedro de Andrade, adaptado do livro homônimo de Mário de Andrade. Filme protagonizado por Grande Otelo e Paulo José em cima de uma história polêmica sobre um Anti-Herói Negro, nascido no sertão que vira Branco e vai morar na cidade.

Em 1974, Milton fez o filme "A Rainha Diaba" de Antônio Carlos da Fontoura, onde interpreta um homossexual e chefe de uma quadrilha de traficantes. Por esse papel, ele ganhou quatro prêmios cinematográficos: o Troféu Candango, do Festival de Brasília, o Air France, a Coruja de Ouro e o Governador do Estado. Em 1981, um dos seus papéis mais marcantes da história do Cinema é em um dos filmes mais importantes da Cinematografia Nacional: Milton foi o operário Bráulio, no clássico "Eles Não Usam Black Tie", adaptação da peça homônima de seu amigo e parceiro Gianfrancesco Guarnieri, dirigida por Leon Hirzman.

FIM DA OPRESSÃO

Militância Negra e os limites da luta contra o racismo no capitalismo

Em seu ofício de ator, Milton lutou por mais negros com papéis de destaque na TV. Acaba fazendo política de outro jeito cedendo à ilusão na democracia burguesa, ao se lançar candidato ao governo do Rio de Janeiro, em 1994, pelo então PMDB (atualmente, MDB).

Enquanto artista, tentou ocupar os espaços de poder por acreditar na questão da "representatividade". Chegou a dizer em entrevista que o que faltava no Brasil era um

presidente negro, que isso o deixaria alegre: "No dia em que nós tivermos um presidente negro, aí eu vou dizer: nós batalhamos". Mas sabemos dos limites da luta contra o racismo no capitalismo. Só acabando com o capitalismo e toda a forma de opressão e exploração, é possível criar as condições de possibilidades para que enfim, tenhamos uma representatividade, de fato, da classe que é negra, feminina, com LGBTIs e diversa.

Dito isso, Milton Gonçalves, mesmo com todas as limitações, foi um dos maiores artistas desse país. Sua luta e seu ativismo pela representação negra nas Artes, foi fundamental para uma geração de atores e atrizes negras deste país e seguirá para as gerações futuras.

VAI LÁ!



Leia o texto
completo no
Portal do PSTU



Milton Gonçalves (centro) em cena do filme 'Eles não usam black-tie' (1981): histórias do movimento operário

AMEAÇAS

Jornalista é ameaçado após revelar esquema para produzir fake news em favor de Bolsonaro

Ojornalista Lucas Neiva, do Congresso em Foco, sofreu ameaças de morte e teve dados pessoais vazados após a publicação de uma reportagem de sua autoria, na qual denuncia um esquema para produzir fake news em favor de Jair Bolsonaro. Depois de ameaçar, o grupo também atacou e derrubou o Congresso em Foco na madrugada do último dia 5.

"Parece que alguém vai amanhecer morto", escreveu um dos usuários. "Eu ri do jornalista esfaqueado em Brasília e queria que acontecesse mais", acrescentou outro no site 1500chan, o mais ativo image-

board brasileiro. Nas mensagens também são tramados ataques à honra do repórter com fake news, em uma espécie de campanha de difamação.

Também há menções contra a editora do Congresso em Foco Insider, Vanessa Lippelt, igualmente autora de reportagens investigativas. Dados pessoais e endereço de Lucas foram levantados e publicados no site.

A reportagem mostrava o uso de um fórum anônimo, o imageboard, também chamado pelos usuários de chan, onde internautas se comunicam sem qualquer tipo de identificação. Nele são feitos ataques a movimentos sociais, propaganda de



extrema-direita, divulgação de conteúdo declaradamente racista e antissemita, bem como te-

orias de conspiração ocupam.

Na reportagem o jornalista revelou que um usuário da

plataforma se propõe a pagar com recursos próprios, em criptomoeda, a criação de conteúdo eleitoral em favor de Bolsonaro. O anúncio vem acompanhado de instruções para fazer com que o conteúdo viralize, bem como do endereço de uma carteira de bitcoin para quem quiser doar para a campanha de fake news e uma orientação clara: o criador não precisa acreditar no que diz.

VAI LÁ!



Leia a matéria que despertou o ódio dos bolsonaristas

SUMIÇO

Dom Phillips e Bruno Pereira podem ter sido vítimas de emboscada

A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) e o Observatório dos Direitos Humanos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato (OPI) confirmaram na manhã do dia 6, em nota pública, os desaparecimentos do indigenista Bruno Araújo Pereira, da Funai (Fundação Nacional do Índio), e do jornalista inglês Dom Phillips, colaborador do jornal The Guardian.

Segundo informações das organizações locais, os dois desapareceram no Vale do Javari, na Amazônia, quando faziam o trajeto entre a comunidade Ribeirinha São Rafael até a cidade de Atalaia do Norte. "Os dois chegaram ao local de destino (Lago do Jaburu) no dia 3 de junho de a noite. No dia 5, os dois retornaram logo cedo para a cidade de Atalaia do Norte, porém, antes pararam na comunidade

São Rafael, visita previamente agendada, para que o indigenista Bruno Pereira fizesse uma reunião com o comunitário apelidado de 'Churrasco', com o objetivo de consolidar trabalhos conjuntos entre ribeirinhos e indígenas na vigilância do território, bastante afetado pelas intensas invasões", destacam as organizações em nota.

Este encontro não teria sido possível e os dois retomaram o curso rumo à Atalaia do Norte, com previsão de chegada à cidade em aproximadamente duas horas. Desde então, nada se sabe sobre o paradeiro deles.

INDIGENISTA ALVO DE AMEAÇAS

Conforme publicado pelo jornal O Globo Bruno Araújo era alvo constante de ameaças pelo trabalho que vinha

fazendo junto aos indígenas contra invasores na região, pescadores, garimpeiros e madeireiros. A Terra Indígena do Vale do Javari é frequentemente alvo de ataques e invasões de garimpeiros ilegais. Uma prática que se tornou comum durante o governo Bolsonaro, face a uma fiscalização menos presente, especialmente, nos territórios indígenas.

Uma fonte indígena ouvida pelo portal Amazônia Real afirma que Dom Phillips e Bruno Araújo Pereira foram vítimas de uma emboscada realizada por traficantes de droga, associados com caçadores ilegais. O portal informa que o indigenista e o jornalista registraram em imagens, e com marcações pelo GPS, a geocalização das áreas invadidas. O acerto era que Bruno levasse esse material para denun-



ciar ao Ministério Público Federal e à Polícia Federal (PF), na cidade de Tabatinga, na região do Alto Solimões, próximo de Atalaia do Norte. Mas no caminho foram tocando pelos criminosos.

"A circunstância toda, para mim, eles foram mortos. Eu estou me preparando para a pior notícia, eu não de-

sejo isso, mas as informações, a situação e a vivência que eu tive, tudo me leva a deduzir que a notícia, lamentavelmente, é a pior possível. É resultado da política dos Bolsonaros, favorecendo essas coisas, mais violências, mais violências", declarou o sertanista Sydney Possuelo ao portal Amazônia Real.

WWW.VERA.PSTU.ORG.BR

No ar o site da Vera!



A está no ar o site da Vera. A plataforma digital vai cumprir o papel de fortalecer a pré-campanha da pré-candidata à Presidência da República pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário.

No site, você encontrará o perfil da Vera, a proposta de programa que o PSTU apresentou para debate junto ao Polo Socialista e Revolucionário, a agenda de atividades, as entrevistas na imprensa, vídeos e materiais que permitirão o envolvimento dos apoiadores na pré-campanha.

“A nossa pré-candidatura é uma construção coletiva e assim será a nossa pré-campanha. O site vai permitir que pessoas de todos os lugares do Brasil acompanhem, se envolvam nas atividades e reproduzam nossos materiais em suas cidades. É necessário levarmos nossas propostas por um Brasil socialista aos quatro cantos do país”, afirma Vera.

VEM DE ZAP!

Além do site, também teremos o “Zap da Vera”. Um número exclusivo para a pré-campanha. Você entra em contato, diz como deseja contribuir e passa a fazer parte da corrente coletiva que estamos construindo para apresentar um programa e uma saída socialista,

VAI LÁ!



Anote aí o número e vem de “Zap da Vera”:

(11) 99197-5733

MINAS GERAIS

Lançamento de pré-candidaturas reúne 220 ativistas



No último dia 28 de maio estiveram reunidos alguns dos setores que foram vanguarda

das lutas do último período em Minas Gerais para o lançamento das pré-candidaturas do Polo

Socialista e Revolucionário. A atividade contou com a presença de 220 ativistas metalúrgicos, petroleiros, rodoviários, mineiros, de frigoríficos, trabalhadores da saúde privada, trabalhadores em educação do Estado e das prefeituras de Belo Horizonte e outras cidades, moradores das ocupações Prof. Fábio Alves e William Rosa.

Vanessa Portugal, ativista das lutas da classe trabalhadora, das lutas por moradia, contra as opressões e também socialista, foi

lançada como pré-candidata ao Governo de Minas; Jordano Carvalho, dirigente metalúrgico da Federação Democrática dos Metalúrgicos e de São João Del Rei, foi lançado a pré-candidato a vice-governador; e a companheira Dirlene Marques, militante das lutas contra as opressões, pelos direitos humanos e contra a barbárie capitalista, pré-candidata ao Senado. Dirlene foi candidata ao Governo do Estado nas últimas eleições pelo PSOL (MG) e hoje faz parte do Polo Socialista e Revolucioná-

rio, juntamente com outras organizações da classe trabalhadora.

Esse lançamento foi o ponto inicial de uma campanha para avançar na construção de uma alternativa socialista e revolucionária no Estado. Para apresentar um programa de expropriação da mineração e dos bilionários, em defesa do meio ambiente, dos direitos da classe trabalhadora e por emprego e direitos.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3H3DLMQ**

RIO GRANDE DO SUL

Vem com Vera e Rejane!

Um ato lindo e emocionante! No último 4 de junho, em Porto Alegre, foi dado um passo muito importante para todos(as) os(as) socialistas gaúchos(as). Com casa cheia, presença de Vera, pré-candidata à Presidência da República, e com o apoio de diversas organizações que

compõem o Polo Socialista e Revolucionário, aconteceu o lançamento de Rejane de Oliveira como pré-candidata ao Governo Rio Grande do Sul.

O sentimento de todos(as) os presentes ao final do ato, depois das falas contagiantes de Vera e Rejane, é de que os(as)

revolucionários(as) estarão muito bem representados(as) nessa peleia que se avizinha.

Embora muito importante, esse foi apenas o primeiro passo. Vem com Vera e Rejane, com o PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário construir essa história!



Rejane de Oliveira fala em ato de lançamento de sua pré-candidatura



MANIFESTO DO REBELDIA: A JUVENTUDE TRABALHADORA CONDENADA PELO CAPITALISMO PODE DERROTAR O SISTEMA



As gerações jovens receberam vários rótulos ao longo de sua vida. Depois da explosão da crise econômica mundial em 2008, os jovens passaram a ser chamados de nem-nem (nem estudam, nem trabalham), e com o aprofundamento da crise viraram ainda os nem-nem-nem (que também não estão procurando emprego). Na pandemia, não foram poucos os nomes que ganhamos: geração perdida, geração desamparada, geração covid, geração confinamento. Os títulos são diferentes, mas todos eles expressam uma ideia de fundo: as gerações mais jovens são reconhecidas por uma profunda marca de fracasso e sensação de derrota. Os motivos que levam a isso são vários. A nossa sensação é a de estarmos vivendo, ao mesmo tempo, vários acontecimentos históricos. Pandemia, guerras, crises e um mundo calamitoso.

E fica também o gosto amargo na boca: justamente na nossa vez de sermos jovens no mundo, além de todas essas coisas, as nossas perspectivas são baixíssimas: diploma não garante emprego, comprar uma casa está fora de cogitação, conseguir um emprego de carteira assinada é luxo, e enquanto isso o meio-ambiente está sendo devastado e parece que o planeta está caindo aos pedaços. É inevitável que nos perguntamos: como será o mundo amanhã? E nosso futuro, tem como ele ser melhor? Existe alguma chance da marca da nossa geração não ser o fracasso?

O nosso pesadelo atual no Brasil tem nome, e se chama Bolsonaro. O responsável por ter tornado a pandemia, que já é uma tragédia tremenda, numa verdadeira catástrofe nacional. No entanto, o problema apenas começa pelo Bolsonaro, porque na verdade ele próprio é consequência de um problema muito maior: o capitalismo no geral e o funcionamento dele no Brasil em particular.

A VIDA DA JUVENTUDE NO CAOS CAPITALISTA

Ser jovem no Brasil e no mundo hoje significa ter vários pesadelos. A preocupação permanente de como viver sem educação e sem emprego. A luta diária apenas para existir, para continuarmos vivos, contra a violência policial, o racismo, machismo e LGBTfobia, que matam tantos jovens. Tudo ainda se combina com um planeta que está para ser destruído. E não, não estamos exagerando.

A preocupação com o meio-ambiente é que mesmo se a humanidade parasse imediatamente com toda a destruição, ainda assim não seríamos capazes de reverter todo o dano que já causamos. Assim, preservar o meio-ambiente se choca com o nível brutal de destruição causado pelo capitalismo e nós precisamos fazer de tudo para parar já, salvar aquilo que ainda dá e assim tentar recuperar o planeta. Caso contrário está em questão toda a vida humana na terra.

Estamos cada vez mais mentalmente adoecidos, pelo estresse, ansiedade, depressão, que são como ruínas internas. Estamos desabando por dentro, num mundo que está se destruindo por fora. Mas é claro que tem jovens que não precisam se preocupar com isso. São aqueles que têm condições de viver no luxo, mesmo em meio à barbárie cada vez maior. Enquanto uns estão na fila do osso, outros estão andando de carro voador. Os ricos não se preocupam com o meio ambiente, porque eles lucram com isso e quem vai se ferrar primeiro é claro que são os pobres. Eles não se preocupam com a violência e o risco de vida, porque de fato se você for homem, hétero, branco e rico, sendo jovem com dinheiro, os seus riscos vão a zero.

Os velhos ricos dizem para a juventude não se preocupar com nada disso. Crescemos ouvindo que basta estudar, trabalhar e se esforçar para ter uma vida boa. Que a chave do sucesso está em nós mesmos, e, portanto, falta só dedicação. Mas aí é que está. Quando olhamos para a situação do emprego e educação da juventude, a coisa está pior ainda. O problema dessa sociedade atual doentia se demonstra nitidamente nesse caso.

AO INVÉS DO SONHO DE ASCENSÃO SOCIAL, A REALIDADE DA DEGRADAÇÃO CAPITALISTA

O drama da vida dos jovens trabalhadores é que precisamos trabalhar, ter nosso primeiro emprego, e não conseguimos. Os capitalistas tentam esconder que estamos presos numa lógica infernal: não conseguimos emprego, porque não temos experiência, e não temos experiência porque não temos emprego. O desemprego entre os jovens está um absurdo: para quem têm de 14 a 17 anos, os dados são de 46% buscando trabalho. Para aqueles entre 18 e 24 anos, o desemprego é de 31%. Sem falar no desemprego entre as mulheres, que bateu recorde em 2021, e o desemprego entre pretos e pardos que também é maior. E isso é assim para os jovens de todos os cantos do mundo.

Quando não desempregados, estamos nos postos de trabalho que são os mais precários ou os informais. A exceção é termos carteira assinada e direitos. O capitalismo criou uma palavra para mascarar essas relações perversas de trabalho: empreendedorismo. Um entregador ou motorista da Uber é “parceiro” da empresa, um trabalhador do Subway é “artista do sanduíche”, um operador de telemarketing é “expert de atendimento” e “colaborador”. Tudo para mascarar que, não importa a empresa,

não importa o país, na verdade há um abismo profundo entre nós e eles. Os filhos dos ricos tem acesso a tudo do melhor na educação: tecnologias, plataformas online, sistemas internacionais, para se capacitarem em nos explorar mais e melhor no futuro, assumindo postos de comando na economia e política do país. Já para nós jovens trabalhadores, educação significa apenas uma possibilidade de vender para eles a nossa mão de obra por um preço um pouco melhor.

Infelizmente, ter acesso à educação não resolve o problema dos baixos salários, não garante bons empregos e não resolve a desigualdade social. Foi-se o tempo em que ter diploma significava ter nossa vida resolvida. Uma pesquisa feita pela FGV Social demonstrou que nos últimos dez anos houve um aumento de 27% nos anos de estudo da população da metade mais pobre do país, mas a renda dessa mesma parcela da população diminuiu em 26,2%.

A lógica da competição entre os trabalhadores para se destacar na busca do emprego, é uma lógica cruel, em que alguém sempre tem que ficar de fora para o sistema continuar funcionando e dando lucro. No capitalismo, não há espaço para ascensão social de todos. Só uma parte consegue algum grau de realização profissional que consiga uma vida mais ou menos estável. E uma ínfima minoria consegue individualmente algum nível de ascensão social, nem comparável a quanto os ricos ficam mais ricos. Por que é que não podemos trabalhar duro para suprir nossas necessidades e construir uma vida boa para todos, ao invés de dar lucros para um punhado de gente?

É claro que precisamos de educação, e temos direito de ter acesso ao conhecimento produzido e acumulado pela humanidade. Mas não basta só educação. Os jovens com diploma de graduação, mesmo os com mestrado e doutorado, hoje em dia também não conseguem emprego. E não basta só ter emprego porque falta emprego digno, salário decente. E mesmo isso nunca haverá para todos. Então como sair dessa espiral? O que precisamos fazer? Que tipo de medidas exigimos para resolver nossa situação?

A primeira medida é mais e melhor educação para os jovens trabalhadores. Peguemos dois dados: a taxa de alfabetização, e os resultados internacionais do PISA (um ranking internacional de educação feito pela OCDE). Vejamos a taxa de alfabetização pelo mundo. Os lugares com a taxa mais elevada são Europa e América do Norte, enquanto as menores taxas são na África e partes da Ásia. O mesmo se repete para o resultado do PISA. Aí já começamos a ver que, não coincidentemente, os lugares com a melhor alfabetização e educação de mais qualidade são os países imperialistas, e os com as piores, são coloniais e semicolonais.

O que isto nos diz? Que em diferentes países a burguesia tem necessidade de sistemas educacionais diferentes, para dar sustentação ao seu modo internacional de funcionamento. Enquanto em países imperialistas ela precisa de uma educação de ponta para que se formem aqueles trabalhadores que irão conduzir o desenvolvimento da tecnologia mais avançada, em países como o Brasil isso não é necessário, mas sim apenas ensinar aos trabalhadores o básico para poderem ser explorados e sobreviver, e, mais, ensinar a como ser “resilientes” e suportar as pressões extremas do mundo de trabalho que vivemos.

É por isso que a educação no Brasil funciona como funciona, é a exata medida da necessidade de educação dada nossa posição internacional. No Brasil e no mundo todo, nos países coloniais, semicolonais e mesmo nos imperialistas, a verdade é que a educação e o desenvolvimento tecnológico estão subordinados ao interesse dos ricos. Podem até ter centros de excelência, mas para a grande massa é disponibilizado o conhecimento para que cumpramos nosso papel de trabalhadores. A burguesia garante o tanto de educação necessário para continuar lucrando, de acordo com como cada país funciona.



Para ter um Brasil mais alfabetizado e com mais educação de qualidade, o que é preciso? A primeira coisa é investimento, só que para isso precisamos atacar os lucros e interesses da burguesia em relação ao orçamento. No entanto, não apenas isso, porque como precisam de uma educação limitada a servir seus interesses, só investem no que dará retornos para um Brasil que seja exportador de commodities e matérias primas. Sem mudar nossa desindustrialização, nossa submissão ao imperialismo e à burguesia, não tem como ter uma educação de qualidade para todos.

A segunda medida que os jovens trabalhadores precisam hoje seria emprego com boa renda. Para conseguirmos isso, o que precisamos fazer? De que maneira seria possível garantir 100% da população empregada, se a burguesia se beneficia do desemprego? Vejamos: se há uma grande massa de desempregados, eles podem rebaixar o salário de todos, e ainda manter na linha quem é empregado, através do assédio e imposição do medo.

Nossa luta por educação pública de qualidade, para ter acesso ao acúmulo científico e tecnológico, assim como a luta por emprego e salário, devem estar ligadas a tirar tudo isso das garras da burguesia, que é quem impede o pleno desenvolvimento de tudo para os trabalhadores.

Tirar das garras da burguesia significa atacar a propriedade dos ricos, que sufoca não só a produção, mas também o próprio desenvolvimento científico e educacional. A burguesia brasileira, sócia menor do imperialismo, prefere abrir mão de qualquer tipo de autonomia em prol de ganhar alguns trocados a mais do imperialismo. Ou os trabalhadores, que nada tem a perder a não ser suas correntes, que são os reais beneficiários dessas mudanças e que, juntos, representam uma força capaz de garantir-las, atacam a propriedade da burguesia, ou o mundo continuará girando como é hoje.

PARA DEFENDER NOSSOS DIREITOS, É PRECISO ENFRENTAR BOLSONARO E O CAPITALISMO: A DISPUTA EM JOGO NO BRASIL

Bolsonaro queria aprovar o maior plano de privatização da história do mundo no nosso país. Isso significaria vender mais de 100 estatais, arrecadando 200 bilhões de dólares, sendo que em apenas 3 anos o lucro delas já ultrapassaria esse valor. Um entreguismo absurdo, praticamente dando o país nas mãos dos EUA. Apesar de parecer nacionalista verde-amarelo, e dizer que quer o Brasil acima de tudo, na verdade para ele é capitalismo acima de tudo, com Brasil e riquezas nacionais nas mãos do imperialismo.

A nossa urgência hoje é derrotar Bolsonaro, por todo seu projeto político, inclusive por esse aspecto de aprofundar a recolonização e a pilhagem do país. Mas não basta apenas derrotá-lo, é necessário também mudar o sistema, porque enquanto houver capitalismo, haverão Bolsonaros, é isso o que a história nos mostra. Por isso, a disputa em jogo no Brasil é muito profunda. Nós defendemos toda unidade de ação, na luta e nas ruas, para lutar pela derrubada de Bolsonaro. Sabemos a ameaça que ele representa. Ele gostaria de dar um golpe e instaurar uma ditadura no país. Hoje por hoje, não tem força para isso, e a burguesia está dividida e a maioria não apoia algo assim. Só que a burguesia não tem apego nenhum com a democracia, eles não se movem por princípios ou valores, e se em algum momento precisarem endurecer as coisas para defender seus interesses, com certeza farão isso.

As instituições dizem que defendem a democracia. O STF, Congresso, Forças Armadas, juízes, a mídia. Só que capitulam ao Bolsonaro, não enfrentam de verdade o golpismo. Esperam pelo bom senso, com cartas e frases apelativas. Mesmo que as condições para consolidar um golpe não existam, nada impede que Bolsonaro tente fazer. Então precisamos derrotá-lo, e esse setor todo é incapaz de fazer isso. Se há em voga a especulação sobre um projeto autoritário, que forma temos de minar qualquer possibilidade dele se efetivar?



Frente a esse cenário, a esquerda ressurge com a “fórmula mágica” para resolver tudo. Dizem que votar em Lula-Alckmin é a única forma de derrotar Bolsonaro e esse projeto autoritário. Mas isso não ajuda a derrotar a ameaça golpista, porque jogam confiança justamente em outra parte da burguesia, desmoralizando os trabalhadores. Querem que votemos em Lula com o projeto mais rebaixado e à direita da história do PT. E ainda com Alckmin, que até ontem era um dos principais antagonistas da esquerda, e inimigo declarado dos trabalhadores, dos jovens que ocuparam suas escolas e lutam em defesa da educação, da juventude negra que sofre com o genocídio e o encarceramento.

Para derrotar esse projeto ditatorial de Bolsonaro, não dá para confiar em nenhum deles. A luta contra uma ameaça golpista só pode partir da classe trabalhadora. Nós precisamos organizar a autodefesa dos jovens e trabalhadores desde já. Isso quer dizer: nos organizarmos para nos defender contra a polícia e contra as milícias bolsonaristas. E além disso, precisamos também de um programa independente, que não nos torne reféns dos interesses da burguesia.

No Brasil, parte da disputa entre “esquerda” e “direita” gira ao redor das polêmicas já citadas: se o estado vai intervir mais ou menos na economia, se teremos mais ou menos privatização etc. Bolsonaro e PT-Lula tem posições distintas sobre os mais variados assuntos. Assim como outros candidatos das eleições, como Ciro Gomes, também tem. Porém todas elas se encontram dentro da mesma margem: o capitalismo. O PT, por exemplo, sobre a Petrobrás, fala que tem que servir ao povo brasileiro e não aos acionistas. Não é escrachado que nem Bolsonaro, embora não fale que vai estatizar os mais de 50% da empresa que são privados. E durante seus governos, a Petrobrás serviu aos acionistas e não ao povo. Também não fala que vai estatizar nenhum outro setor já privatizado. Titubeia inclusive em relação à Reforma Trabalhista, que foi o que deu brecha para empresas como Uber e Ifood tirarem nosso couro por aqui.

Vejamos o projeto do PT para a educação. Defendem mais investimento, com o objetivo da educação, ciência e tecnologia estarem a serviço de construir um país mais capitalista. Desenvolver o Brasil, para que ele se relocalize na disputa imperialista mundial e fique em vantagem. Só que para os países mais potentes existirem, é necessário que existam os mais fracos e explorados. Então o projeto do PT é que o Brasil se torne uma potência imperialista, para que, ao invés de “apenas” fazer o papel dos EUA na América Latina, também sejamos o imperialismo em si da região? E ai também entra o problema do PSOL, em que muitos jovens veem como uma saída a esquerda do PT. O PSOL apresenta-se como mais radical, que olha mais inclusiva para os setores oprimidos dos trabalhadores e jovens. Entretanto, a saída que colocam ao país ainda se encontra nos marcos do capitalismo, o que retoma todos os problemas que falamos anteriormente nesse manifesto.

E há ainda um problema grande. Nós também queremos desenvolver o país, a ciência e tecnologia. A educação, por exemplo, poderia ser um caminho para o desenvolvimento do país, é verdade. No entanto, já vimos antes, quem vai fazer isso? A burguesia brasileira, que é sócia menor do imperialismo? Porque para fazer isso, é necessário se chocar contra o próprio funcionamento do sistema e a localização do Brasil nesse sistema. Que setor da classe dominante brasileira fará isso?

A diferença entre todos eles, então, poderia ser resumida de uma forma: qual setor da burguesia o projeto de país de cada um mais vai fortalecer. Para nenhum deles o problema é a burguesia em si, mas sim qual setor dela está em vantagem. É por isso que, no cenário eleitoral de 2022, tem diferentes candidaturas se apresentando, mas podemos resumir em dois projetos: aqueles todos que defendem o capitalismo e a manutenção da burguesia, e aqueles, como nós, que defendem um projeto de ruptura, socialista.

E como essa ruptura com o sistema poderia se dar? Peguemos a situação da Uber, Ifood e essas empresas que estão perto de se tornar grandes monopólios do setor dos transportes. Como seria se, ao invés do patrão ser um aplicativo, que no fundo é um grupo de engravidados sentados num gabinete bem distante, quem controlasse a empresa fossem os próprios entregadores e motoristas? O problema é que, para isso, não basta uma lei. Se vamos só atrás de leis, sequer o direito de serem considerados funcionários da empresa e de terem seu próprio sindicato foi garantido. Então é preciso que os trabalhadores tomem as empresas para si, garantam seu controle através de um Estado que seja seu e assim garantir que o lucro da produção possa ser reinvestido na própria empresa e na sociedade, ao invés de ir parar no bolso de uma pessoa com o único objetivo de enriquecê-la ainda mais.

E então, como fazemos para ter esse controle ao estatizar as empresas? Pode ser que, num cenário de muita radicalização, se consiga esse direito através da luta, das ruas, da mobilização, de uma greve. Mas como fazemos para que isso se generalize, e todas as maiores empresas do país, os bancos, os monopólios todos, também passem para as nossas mãos? Seria necessário um processo gigante de lutas, extremamente radicalizado, que se atingisse esse patamar de fato, já seria uma insurreição revolucionária. E então perceberíamos que, para efetivar nosso controle sobre essas empresas, precisaríamos não só expulsar os CEOs e acionistas e engravatados, mas tomar o poder político em nossas mãos.

É isso que queremos dizer quando falamos em revolução e socialismo. Não tem nada a ver com Cuba, China, Venezuela, onde não são os trabalhadores que estão à frente dos rumos do país, mas sim uma casta burocrática, que governa o capitalismo, chamando de socialismo. Nós somos revolucionários e socialistas porque queremos acabar com o capitalismo através de uma revolução dos explorados, oprimidos, dos pobres e famintos, em que todos se insubordinem num processo ultra radicalizado de lutas. E se chegamos nesse patamar, o próximo passo é tirar a burguesia do comando do estado burguês, e instaurando um estado operário e socialista.

Essa é a profundidade do que está em jogo no Brasil esse ano. É por isso que nós apoiamos a Vera como candidata à Presidência da República. Uma trabalhadora, operária, a primeira mulher negra a concorrer à presidência do país. Que defende a revogação das reformas que atacam o povo, que defende a expropriação das 100 maiores empresas no Brasil, ou seja, que elas passem para as nossas mãos, que defende que expropriemos os 315 bilionários do país. É por isso que apoiamos as diversas candidaturas do PSTU pelo país, junto com o Polo Socialista e Revolucionário. Acreditamos que estes serão os únicos que defenderão esse programa que apresentamos.

Sabemos que as eleições vão mudar pouquíssima coisa, mas essa disputa pelo poder se apresenta no programa que cada candidatura defende. Então cada voto no PSTU, é um voto a menos para a burguesia continuar se fortalecendo. É um voto que fortalece esse projeto alternativo de poder, esse projeto de construção de uma sociedade diferente, contra o sistema capitalista e em defesa do socialismo. Além disso, caso elegêsssemos um candidato revolucionário e socialista, poderíamos ter visibilidade e conseguíramos encher muito o saco da corja toda, então também seria muito importante, mesmo que não possa mudar a raiz do problema.

ORGANIZE SUA REBELDIA PARA FAZER REVOLUÇÃO E CONSTRUIR O SOCIALISMO!

Cada geração de jovens é marcada por algum paradigma. Para os jovens da época do Maio francês de 68, certamente os ventos que ecoaram foram de liberdade. No entanto, na mesma época o Brasil era atravessado por uma ditadura militar, que foi inclusive uma reação da burguesia não apenas aos acontecimentos nacionais, mas à própria onda do maio francês que se alastrou pelo mundo, construindo Woodstocks, Stonewalls e lutas contra governos. Ser jovem em 64, no Brasil, significa ter lidado com esses elementos progressivos de fora do país, mas com o amargo gosto da censura e repressão. No entanto, quando vem os anos 80 e o fim da ditadura, o futuro dos jovens era um mar de possibilidades.

Existem vários elementos contraditórios interagindo entre si, formando as condições sociais, políticas, econômicas e psicológicas que marcam cada geração. Esses acontecimentos todos influem na visão que cada geração tem de si mesma, e na visão de seu próprio futuro: nosso futuro será melhor ou pior? E ainda: de que maneira nos engajamos para, no hoje, construir o futuro que queremos? Essa última pergunta certamente esteve na cabeça dos jovens da ditadura, que se organizavam clandestinamente para lutar contra o regime repressor. E certamente esteve na cabeça dos jovens que viveram Maio de 68, que lutavam pelo novo, nos costumes, na sexualidade e na política.

A pergunta que fica para nós, no Brasil, no ano de 2022, é a mesma. Nós realmente somos a tal geração covid, geração confinamento, geração perdida. Estamos realmente adoecidos, lutando dia após dia para sobreviver. O

que faremos nós diante disso? O que queremos que nossa geração represente, diante do abismo que se assolou sobre nós? Na visão do Rebeldia, nós temos que ser a geração que lutou contra o abismo, que não teve medo dele, e que não deixou que ele definisse as nossas possibilidades de futuro. Que tomará nosso futuro com nossas próprias mãos e que diante da ruína do mundo, construirá um mundo diferente.

A melhor forma de construir esse futuro que queremos, superando a marca de fracasso de todas as gerações jovens, é se organizando politicamente com um programa revolucionário e socialista. Lutar nós já lutamos sempre, então é uma meia verdade dizer que “só a luta muda a vida”. O que vai mudar o sistema é a luta revolucionária e socialista contra o capitalismo, a burguesia, e os garantidores dos interesses da burguesia no movimento estudantil e movimento de trabalhadores. Só que se eles estão mundialmente organizados, a frente dos governos, do aparato de repressão, das empresas, nós também precisamos estar organizados do lado de cá para levar adiante esse programa. As gerações jovens do mundo inteiro estão saindo às ruas, demonstrando que viemos ao mundo para lutar por ele, pela libertação dos trabalhadores, pelo nosso direito à existência. Queremos que nossa voz seja ouvida, e se é verdade que a eleição não muda a vida de ninguém, também é verdade que é apenas fortalecendo esse projeto que poderemos mudar de fato nossas vidas. Portanto não apenas chamamos votos, mas estaremos nas ruas, debates, discussões, nos fazendo ser ouvidos, e ganhando mais e mais pessoas para apoiar e fortalecer a luta pelo poder e pelo socialismo.

Para isso precisamos que você venha com a gente e que disputemos cada vez mais jovens para essas ideias. Queremos que a marca da nossa geração seja a daqueles que compraram uma guerra contra o sistema, e que não vão abaixar a cabeça para nada nem ninguém. A burguesia e os reformistas podem ficar com seus jovens brilhantes, com discursos apassivados nas tribunas da ONU e dos parlamentos, que em nada nos representam. Nós estaremos por todo país recrutando jovens trabalhadores, instigando-os a sonhar, mas sonhar com os pés no chão: da fábrica, da aldeia, dos bairros, das periferias. Recrutando jovens que sonharão, não com um futuro utópico e distante, mas de olhos abertos, com punhos erguidos e com a bandeira do socialismo tremulando em nossos peitos e em nossas mãos.

-  [@REBELDIA_JUVENTUDE](#)
-  [REBELDIAJUVENTUDE](#)
-  [REBELDIAJUVENTUDE](#)
-  [REBELDIA_JUV](#)

